

Nomes De Parentesco Da Língua Tembé: Problemas De Tradução

Marcia Goretti Pereira de Carvalho¹

Tabita Fernandes da Silva²

Resumo

Tratamos da tradução de nomes de parentesco e, em particular, nomes relacionados a parentes consanguíneos de 1º e 2º graus - pai, mãe, filhos, irmãos, avós, netos, tios, primos e sobrinhos na língua Tembé. A fonte dos dados, base deste estudo, são a Tese de doutorado de Tabita Silva (2010), que apresenta exemplos de nomes desse campo semântico, assim como um quadro comparativo lexical de nomes de parentesco em Tembé e Guajajára, coletados por essa autora, no período de 2006 a 2009; o Dicionário bilíngue Português-Tembé de Max Boudin (1978); e a Dissertação de Marcia Carvalho (2001), que apresenta um registro da fala dos mais velhos. Investigamos nomes de parentesco do Tembé, com vistas a sua tradução para o Português. Mostramos que nomes de parentesco em Tembé, assim como os demais nomes dessa língua, apresentam especificidades quando comparados ao Português, exigindo atenção especial do tradutor.

Palavras-chave: Língua Tembé, Família Tupi-Guaraní, Lexicografia, Tradução, Línguas Indígenas.

Abstract

We deal with the translation of kinship terms from the Tembé language to Brazilian Portuguese, in particular, kinship terms related to 1st and 2nd degree blood relatives - father, mother, children, siblings, grandparents, grandchildren, uncles, cousins and nephews. The data source for this study is the doctoral dissertation of Tabita Silva (2010), which presents examples of names of this semantic field, as well as a lexical comparative table of kinship names in Tembé and Guajajára, collected by this author, from 2006 to 2009; the Portuguese-Tembé Bilingual Dictionary of Max Boudin (1978); and the Dissertation of Marcia Carvalho (2001), which presents a record of the speech of the elders. We investigate kinship names of Tembé, aiming their translation into Portuguese. We show that kinship terms in Tembé, as well other terms of this language, have specificities when compared to Portuguese, demanding special attention from the translator.

Keywords: Tembé language, Tupi-Guaraní family, Lexicography, Translation, Indigenous Languages.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Pará. Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará.

² Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília; Professora na Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança.

Considerações iniciais

O tradutor deve se despir das suas concepções ideológicas etnocêntricas e eurocêntricas (Rocha 2006; Niranjana 1992) para poder olhar o mundo com os olhos do outro. Essa ideia deve ser parâmetro para a tradução de qualquer língua e, em se tratando de línguas indígenas, o tradutor se vê às voltas com questões sociais e culturais bem distintas, que acarretam muitas dificuldades para se traduzir de uma língua indígena para o Português ou do Português para uma língua indígena, sejam palavras, frases ou textos em trabalhos descritivos ou em obras lexicográficas. Em estudos lexicográficos sobre línguas indígenas, encontramos muitas palavras que, nessas línguas, têm na sua estrutura interna vários morfemas presos à raiz, mas em Português, para expressar o significado correspondente, combinam-se duas ou mais palavras. Há afixos nas línguas indígenas que não encontram correspondentes em Português, como os prefixos relacionais e os sufixos que expressam caso, assim como há morfemas do Português que não encontram correspondentes nas línguas indígenas, por exemplo, sufixos de gênero. Para o tradutor, é necessário, portanto, o distanciamento da sua experiência de mundo acumulada ao longo de sua vida para ‘mergulhar’ no universo do outro e não reduzir tudo à visão etnocêntrica dos não-índios e aos efeitos negativos de uma tradução etnocêntrica (Rocha 2006; Berman 2013). Isso exige que o pesquisador/tradutor de línguas indígenas seja criterioso nas suas análises quando for transcrever os dados linguísticos da língua-fonte (língua indígena) e traduzi-los para a língua-alvo (língua portuguesa).

No período colonial, embora com grande conhecimento das línguas indígenas, o tradutor tinha um perfil cristão que o levava a retirar, no processo de tradução, palavras da língua original ou a mudar os conceitos e as grafias³. Hoje, temos tradutores indígenas no trabalho de transcrição e de tradução de suas próprias línguas nativas. São tradutores com formação acadêmica em cursos de graduação e de pós-graduação, os quais têm contribuído enormemente com a tradução para o Português de suas próprias línguas nativas. Mas as dificuldades de tradução também se apresentam para esses tradutores indígenas, por falta de conhecimento aprofundado do Português brasileiro. Problemas de tradução também estão presentes em contextos de falantes bilíngues em que uma das línguas (a Língua Portuguesa) está se sobrepondo a outra língua (a língua indígena), gerando significativas interferências e mudanças nessa última. Esta é, particularmente, a situação da língua Tembé, língua irmã do Guajajára, ambas pertencentes ao complexo Tenetehára. As línguas Tembé e Guajajára foram classificadas por Rodrigues (1985) como pertencente ao subconjunto

³ Palestra proferida pela Prof^a Dra. Martha Pulido (UFSC) na apresentação do “Glossário tupi-francês-português de Rodolfo García” no V CIELLA, na Universidade Federal do Pará em Belém, em novembro de 2016.

IV da família linguística Tupí-Guaraní. As diferenças linguísticas observáveis nos dados do Tembé e nos dados do Guajajára indicam que são línguas muito próximas e que a separação dos seus respectivos falantes pode ter ocorrido há mais de 200 anos, conforme Nimuendajú (1915 apud Carvalho 2001).

Atualmente os Tembé estão divididos em dois grupos: o do Alto rio Guamá, sudeste do Pará e o do rio Gurupi, ambos localizados entre os estados do Pará e do Maranhão. É a língua falada pelo grupo do Gurupi que será analisada neste artigo.

Tomando por base o conhecimento existente sobre as línguas Tupí-Guaraní mais conservadoras, observam-se mudanças na fonologia e na morfossintaxe do Tembé ao longo de sua história, como constatado nos estudos de Carvalho (2001) e de Silva (2010), devido ao intenso contato dos Tembé com os seus vizinhos não-indígenas.

No presente estudo, tratamos da tradução de nomes de parentesco e, em particular, nomes relacionados a parentes consanguíneos de 1º e 2º graus - pai, mãe, filhos, irmãos, avós, netos, tios, primos e sobrinhos. A fonte dos dados, base deste estudo, é a Tese de doutorado de Tabita Silva (2010), que apresenta exemplos de nomes desse campo semântico, assim como um quadro comparativo lexical de nomes de parentesco em Tembé e Guajajára, coletados por essa autora, no período de 2006 a 2009; o Dicionário bilíngue Português-Tembé de Max Boudin (1978); e a Dissertação de Marcia Carvalho (2001), que apresenta um registro da fala dos mais velhos.

Investigamos aqui nomes de parentesco do Tembé com vistas a sua tradução para o Português. Os nomes de parentesco em Tembé, assim como os demais nomes dessa língua, apresentam especificidades quando comparados ao Português, exigindo atenção especial do tradutor.

Sobre interferências do Português na língua Tembé

Conforme Silva (2010), pessoas que ainda falam Tembé no seu dia a dia, na região do Gurupi, enfrentam uma situação de contato muito forte, e mais ainda após a abertura de uma estrada que dá acesso direto à aldeia Tekoháw. Dessa forma, a pressão da língua portuguesa sobre a língua nativa é muito forte e a interferência do Português se faz sentir fortemente. Os dados coletados por Silva (2010) comprovam essa influência do Português. Dentre esses dados, destacamos a presença de termos de parentesco da Língua Portuguesa substituindo termos originais da língua Tembé como -u ‘pai’ e -hi’ ‘mãe’, uma indicação de casamentos de índios Tembé com falantes do Português.

Comparando os itens lexicais registrados por Boudin (1978 apud Silva, 2010) e por Cyriaco Baptista (1932 apud Silva 2010), analisados por Silva (2010), nota-se que a maioria desses itens presentes em Boudin e em Batista foram influenciados pelo Português e, assim, se mantêm na língua Tembé até

os dias atuais. Isso mostra que palavras do Português entraram na língua nativa há muito tempo.

Exemplos da influência do Português no Tembé

1. **papaj** he Ø-mono kar Ø-apik ram a-há
 papai 1 R¹-enviar PREP R²-sentar PROJ 1-ir
 ‘o pai mandou a filha sentar.’ (Silva 2010:578)

2. **mamãe** ihe Ø-mono kar a-pinik ram a-há
 mamãe 1 R¹-enviar PREP 1-dançar PROJ 1-ir
 ‘minha mãe me mandou dançar.’ (Silva 2010:578)

Note-se que, no exemplo 1, era esperado o prefixo correferencial de terceira pessoa, o-, por se tratar do próprio filho do ‘pai’, sujeito da oração.

Silva (2010) identificou, nesses empréstimos, uma adaptação à fonologia do Tembé e a formação de novas palavras, com expansão do léxico do Tembé a partir da combinação de palavras do Português com palavras do Tembé. Além de ‘papai’ e ‘mamãe’, outras palavras surgiram, em Tembé, por interferência do Português tais como: *papa-z-aʔi* que significa ‘tio, irmão do pai’ e *mama-z-aʔi* que significa ‘tia, irmã da mãe’ e foram derivadas por meio da junção de um sufixo Tembé *-z-aʔi* a bases do Português ‘mamãe’ e ‘papai’. Essas mesmas palavras derivadas combinam-se a novas bases da língua Tembé para exprimirem novos significados, tais como *papa-z-aʔi rémirêko* que equivale a ‘tia, esposa do tio’, sendo que *rémirêko* significa ‘esposa’ e *mama-z-aʔi men*, combinação de *-men* ‘esposo’ com *mama-z-aʔi*, ‘mãezinha’ (tradução de Silva 2010), que significa ‘esposo da tia’. Em Tembé, ao lado desses novos vocábulos, encontram-se outros vocábulos da língua nativa para designar ‘tio’ e ‘tia’ sem interferência do Português. O tradutor/pesquisador deve também estar atento a esses empréstimos na língua Tembé.

Breves informações sobre a organização social dos Tembé

A unidade básica da estrutura social Tembé é a família extensa, que se constitui na unidade de produção⁵. Um líder familiar atrai jovens trabalhadores e fortalece o seu grupo por meio das próprias filhas e das filhas de seus irmãos, por isso esse líder procura sempre “adotar” as mulheres que ficam órfãs de pai. O chefe da comunidade coincide, portanto, com o líder de um grupo familiar cujo poder depende dos indivíduos ligados a esse chefe por obrigações

⁴ Na tese de Silva (2010), não se encontra o significado do sufixo *-z-aʔi*.

⁵ Informação, nesta seção, disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tembe/1026>>; e <<http://cec.vcn.bc.ca/rdi/kw-crop.htm>>. Acesso em 03 nov. 2016.

de parentesco e matrimoniais. A esfera política acaba se confundindo com a esfera doméstica e a mulher Tembé pode chegar a ser líder do seu grupo em determinadas situações. Nas décadas de 80 e 90, na área do Gurupi, o líder dos Tembé era a “capitã” Verônica e outras aldeias eram constituídas de famílias extensas agrupadas em torno das “velhas” e viúvas de “capitão”.

O casamento se faz, de preferência, entre primos cruzados de segundo grau que moram na mesma aldeia. O primo cruzado é o filho da irmã do pai ou o filho do irmão da mãe. Um primo cruzado é diferente de um primo paralelo, que pode ser o filho da irmã da mãe ou o filho do irmão do pai. O primo paralelo é considerado como irmão ou irmã em muitas sociedades indígenas. Nessas sociedades, os primos cruzados são, muitas vezes, a primeira escolha para o casamento enquanto que o casamento com um primo paralelo seria um incesto. Há também os casamentos com vizinhos não-índios, importantes no período de queda de densidade demográfica, mas, entre os Tembé, têm sido substituídos por casamentos com os Ka’apór, seus vizinhos, que moram no Maranhão⁶.

Gomes (2002:65-68) observou, em suas pesquisas sobre os Tembé do rio Gurupi, que houve mudanças nos nomes de parentesco e atribui isso a mudanças de caráter demográfico decorrentes de transformações socioeconômicas. Ele considera a terminologia atual atípica e incongruente porque, apesar de igualar todos os primos a irmãos e irmãs, distingue, na primeira geração ascendente, o pai e o tio paterno do tio materno; e a mãe e a tia materna da tia paterna. Mas essa terminologia ‘atípica’ também aparece em outras comunidades como a dos índios do Alto Xingu, segundo Eduardo Galvão (1978). Gomes constata que, há uns 150 anos, o casamento entre primos cruzados era comum e o léxico referente a nomes de parentesco era mais coerente. Essa informação se baseava na informação de um naturalista, na memória dos velhos e na existência de termos descritivos para primos cruzados. O quase total abandono do casamento de primos cruzados, segundo o pesquisador, teria sido uma estratégia dos Tenetehára para uniões matrimoniais entre moradores de aldeias distintas.

Nomes de parentesco em Tembé e Guajajara

No Quadro Comparativo Lexical sobre “Nomes de Parentesco e afins”, Silva (2010:949) organiza os itens lexicais desse campo semântico para comparar o Tembé com o Guajajara, com base nos dados coletados em sua pesquisa de campo no período de 2006 a 2009. Na análise de Silva, percebe-se que o Guajajara apresenta uma estrutura morfológica mais ‘complexa’, em alguns nomes, do que em Tembé e com palavras específicas, por exemplo, para diferenciar o parente mais novo do mais velho. Em Tembé, ao contrário do Guajajara, de acordo com o Quadro Comparativo Lexical de Silva (2010:950), não há palavras para nomear certos nomes de parentesco como ‘sobrinho’ e

⁶ Idem.

também não há palavras diferentes para designar ‘irmã mais nova/velha de homem’. Essas diferenças entre essas duas línguas podem estar ocorrendo por interferência do Português no Tembé, como forma de sobrevivência frente a situações de contato intenso com os não-índios.

Para o tradutor-linguista, é importante conhecer essas modificações que vêm ocorrendo em Tembé, como a perda de material lexical e mudanças em suas construções morfológicas nos itens que se mantêm. Necessita-se, então, de cuidados redobrados ao preparar as glossas em trabalhos científicos linguísticos, os quais precisam de uma análise e de uma interpretação que considerem o estágio atual da língua pesquisada e a cultura dos falantes dessa língua (Martín 2014).

Antes de analisarmos alguns nomes de parentesco em Tembé, devemos considerar duas questões. A primeira é que alguns desses nomes distinguem a fala de homem da fala de mulher, por exemplos, os nomes para ‘filhos’ e ‘netos’. Há também nomes que, segundo o sexo do falante, diferenciam parente mais novo do mais velho com palavras específicas, como no caso de ‘irmãos’ e ‘primos’ enquanto que, em Português, usam-se sintagmas nominais para expressar tais conceitos. A segunda questão é que os nomes em Tembé apresentam prefixos relacionais e sufixos que marcam o caso argumentativo. Mas, em decorrência do intenso contato dessa língua com o Português, o sufixo do caso argumentativo tende a desaparecer e alguns prefixos relacionais podem estar sofrendo mudanças morfofonêmicas.

Os prefixos relacionais marcam relações de dependência e de contiguidade sintática entre um determinante e um determinado. Eles não formam novas palavras. Segundo Galvão (2000), esses prefixos estão presentes na grande maioria das línguas da família Tupí-Guaraní. Com o prefixo relacional R^1 (\emptyset - ~ r - ~ n -), o determinante e o determinado formam uma unidade sintática; com o prefixo relacional R^2 (i - ~ t - ~ h -), o determinante e o determinado não formam uma unidade sintática; o prefixo relacional R^3 (o - ~ u - ~ w -) indica que o determinante de um tema é correferente com o sujeito. O prefixo relacional R^4 não aparece nos exemplos aqui apresentados.

O caso argumentativo (sufixo $-\partial$) tem como função habilitar um nome ou um verbo para funcionar como argumento (Rodrigues 2000). No Tembé, esse caso está restrito aos nomes, aparecendo na fala dos mais idosos. O seu uso tem sido enfraquecido e, provavelmente, poderá ser definitivamente apagado ou já está extinto na fala de vários Tembé.

a) Pai

Em Tembé, temos o seguinte tema para ‘pai’: -u. E com a junção dos prefixos relacionais tem-se os seguintes alomorfes: r-u ~ n-u (R1-pai) ~ t-u (R2-pai). O prefixo R1 apresenta dois alomorfes para ‘pai’. Nos exemplos abaixo, há registros da língua Guajajára que têm tema cognato do Tembé para expressar ‘pai’ (r-u).

Há um alomorfe, -uw(-ə), registrado, em Carvalho (2001), na fala dos mais velhos, com o sufixo do caso argumentativo (-ə), que não aparece em Silva (2010). Pode ser que essa forma tenha sido totalmente substituída por -u na fala dos Tembé mais jovens. O tradutor, no processo de tradução, deve estar atento aos prefixos relacionais e ao caso argumentativo que podem estar ainda presentes na fala dos mais idosos.

Exemplos:

Guajajára

1. zane za-ker zane **r-u** h-ij-me aʔi
1INCL 1INCL-dormir R¹-pai R¹-casa-LOC esse
‘nós dormimos na casa do nosso pai.’ (Silva 2010:148)
2. pe-ker ke pe **n-u** r-pij-me riʔi
2PL-dormir emp 2PL 2PL-pai R¹-casa-LOC esse
‘vocês dormiram na casa do pai de vocês.’ (Silva 2010:148)

Tembé

3. ihé né **r-úw(-ə)**
1 2 R¹-pai-ARG
‘eu sou teu pai.’ (Carvalho 2001:44)
4. nəm né **r-úw** u-hém u-úr kwéj
NEG 2 R¹-pai 3-sair 3-vir PERF
‘não foi teu pai que veio chegando.’ (Carvalho 2001:45)

b) Mãe

O tema para ‘mãe’ é -hi e, com os prefixos relacionais, têm-se as seguintes formas: Ø-hi e i-hi. Assim como em ‘pai’, há um alomorfe, Ø-hi (-ə), registrado, em 2001, na fala dos mais velhos, com o sufixo do caso argumentativo (-ə), que

não aparece em Silva (2010). No exemplo 2, o sufixo –ramo, caso translativo, se prende à raiz -hi- para expressar a ideia de ‘na qualidade de’ e que foi traduzido para o Português empregando a palavra ‘como’. A glosa evidencia um significado um pouco ‘estranho’ em Português. No processo de tradução, as observações mencionadas acima para a palavra ‘pai’ são válidas para ‘mãe’.

Exemplos:

1. ihé-ə né Ø-hi(-ə)
1-ARG 2 R¹-mãe-ARG
‘eu sou tua mãe.’ (Carvalho 2001:45)
2. aʔé-ə u-úr kwéj hé Ø-hi-ramo
esse-ARG 3-uir PERF 1 R¹-mãe-TRANS
‘ela veio como minha mãe.’ (Carvalho 2001:)
3. o-ho ram o-ho kwej i-hi r-esak pə
3-ir PROJ 3-ir PERF R¹-mãe R¹-ver lá
‘foi pra ver a mãe dele que ele saiu.’ (Silva 2010:333)

Em consulta ao dicionário Português-Tembé de Boudin (1978:218 e 255), as palavras ‘mãe’ e ‘pai’, em Tembé, não sofreram modificações na sua estrutura morfofonêmica.

c) Filho - Filha

Em relação à palavra ‘filho(-a)’, é interessante observar a forma para filhos de mulher e de homem. Quando uma mulher está falando do(s) seu(s) próprios filho(s) e da(s) sua(s) próprias filha(s) ou do(s) filho(s) e da(s) filha(s) de outra mulher, ela fala ‘Ø-memir’ e, quando um homem fala do(s) seu(s) filho(s) ou do(s) filho(s) de outro homem, ele fala ‘r-aʔir’ (h-áʔir ~ t-aʔir ~ n-aʔir ~ w-aʔir); e quando o homem se refere a(s) sua(s) filha(s) ou a(s) filha(s) de outro homem, fala ‘Ø-azira’ (r-azira ~ t-azira). Os alomorfes ocorrem, na realidade, pela presença dos prefixos relacionais. Essas palavras, em Tembé, para designar ‘filho(-a)’ se encontram no Quadro Comparativo Lexical de Silva (2010:950).

O tradutor deve considerar esses prefixos e a relação que eles estabelecem entre o determinante e o determinado para traduzir do Tembé para o Português, como no exemplo 2, com o prefixo relacional R2 (i-memir): “As mães amam muito os filhos (de outra(s))”. Entretanto, na fala dos mais jovens, em que o prefixo correferencial de terceira pessoa desapareceu, criou-se ambiguidade, devendo o tradutor verificar se se trata dos filhos próprios da mulher ou dos filhos de outra(s) mulher(es). Um outro caso a considerar no processo de

tradução é o fato de que quando uma mulher Tembé se refere a seus filhos e a suas filhas, ela usa o mesmo nome para ambos: Ø-memir ~ i-memir. Pelo contexto da conversa entre o pesquisador e o falante nativo ou pelo contexto de uma narrativa oral, por exemplo, é que o tradutor-pesquisador saberá se se trata de ‘filho’ ou de ‘filha’.

No exemplo 6, temos a presença do prefixo relacional R3 (w-aʔir), indicando que “o determinante de um tema é correferente com o sujeito” (Carvalho, 2001:31). Nesse exemplo, a frase foi traduzida como “Ele bateu no seu próprio filho.” No exemplo 7, temos na mesma frase, na fala de um homem, r-aʔir(-ə) (filho) e r-azir(-ə) (filha) e a tradução seguiu a ordem das palavras em Tembé.

Na tradução da glossa para o Português, não há a indicação se o(s) filho(s) ou a(s) filha(s) se refere(m) a filho(s)/filha(s) de mulher ou de homem. Essa indicação aparece embaixo das transcrições dos dados da língua Tembé, presentes em Silva (2010) e em Carvalho (2001).

Em consulta ao dicionário Português-Tembé de Boudin (1978:165), as palavras para designar ‘filho’ e ‘filha’ não sofreram muitas modificações na sua estrutura morfofonêmica se comparadas com as do Tembé atual. Boudin não registra, nesse dicionário, raízes diferentes para ‘filho de homem ou de mulher’ e para ‘filha de homem ou de mulher’. Ele faz a distinção entre filhos mais novos e mais velhos, mas essa distinção não aparece em Silva (2010:950) e nem em Carvalho (2001).

Exemplos⁷:

Guajajára

1. a-peok maniok a-zeʔej he Ø-memir wan Ø-upe
 1-descascar mandioca 1-falar 1 R¹-filho(-a).de.mulher COL R¹-DAT
 ‘eu descasco a mandioca e falo com minha filha.’ (Silva 2010:346)

Tembé

2. i-hi u-aijú-katú **i-memir(-ə)** wə
 R²-mãe 3-amar-bem R²-filho(-a).de.mulher-ARG COL
 ‘as mães amam muito os filhos.’ (Carvalho 2001:39)

⁷ Nas transcrições dos exemplos neste artigo, o número 1 indica ‘1ª pessoa do singular’, 2 indica ‘2ª pessoa do singular’, o número 3 indica ‘3ª pessoa do singular’, os algarismos 12 indicam ‘1ª pessoa inclusiva’, 13, ‘primeira pessoa exclusiva’, e 23 ‘2ª pessoa do plural’, REL corresponde ao caso semântico ‘relativo’, ‘R¹’ corresponde ao relacional de contiguidade, ‘R¹’ ao relacional de não contiguidades, ARG a ‘argumento’, ATT-REM ‘atestado remoramente’, COL a ‘coletivo’, ‘3CORR’ a ‘terceira pessoa correferencial’, DAT à ‘dativo’, IND.II a ‘Indicativo II’, LOC a ‘locativo’, NEG a ‘negação’ PERF a ‘perfectivo’, PROJ a ‘projetivo’.

3. pe pe-zamutar katu pe **n-aʔir**
 lá 2PL-amar bem 23 R¹-filho.de.homem
 ‘você têm amor aos filhos de vocês.’ (Silva 2010, v.2:45)
4. zane ti-maʔe nukwaw zane **r-aʔir** wə n-ehe
 1INCL 1INCL-olhar 1INCL R¹-filho.de.homem COL R¹-REL
 ‘nós pensamos nos nossos filhos.’ (Silva 2010:180)
5. he **r-azir(-ə)** o-hém kwéj
 1 R¹-filha.de.homem-ARG 3-sair PERF
 ‘minha filha saiu.’ (Carvalho 2001:44)
6. o-peté **w-aʔir(-ə)**
 3-bater R³-filho.de.homem-ARG
 ‘ele bateu no seu próprio filho.’ (Carvalho 2001:35)
7. aʔé mehé kwehé hé r-emirikó(-ə) kuri hé
 esse quando ontem 1 R¹-esposa-ARG mais.tarde 1
r-aʔir(-ə) kwehé kuri hé **r-azir(-ə)**
 R¹-filho.de.homem-ARG, ontem mais.tarde 1 R¹-filha.de.homem-ARG
 ‘então, faz tempo, minha esposa, meus filhos, faz tempo, minhas filhas.’
 (Carvalho 2001:95)

d) Irmão – Irmã

Em Tembé e em Guajajára, temos palavras distintas para expressar ‘irmão mais velho de mulher’ e ‘irmão mais novo de mulher’, e não um sintagma nominal, como em Português. No Quadro Comparativo de Silva (2010:950), não aparecem, na coluna do Tembé, palavras para designar ‘irmão mais velho de homem’ e ‘irmão mais novo de homem’ enquanto que, em Guajajára, há palavras para designar esses nomes de parentesco. Em relação à ‘irmã mais velha/mais nova de homem’, temos, em Tembé, a mesma palavra, renira, e, em Guajajára, há um sintagma nominal com a palavra renir e os modificadores ipi e pياهو para expressar ‘irmã mais velha de homem’ e ‘irmã mais nova de homem’, respectivamente. Quanto aos alomorfes, vale a explicação para ‘filhos/filhas’.

A palavra pياهو, em Guajajára, que significa ‘novo’, é usada para designar ‘irmão mais novo de mulher’ e ‘irmã mais nova de mulher’ no Quadro Comparativo Lexical. Na tradução da glossa para o Português, não há a indicação, nos exemplos abaixo, se é ‘irmão/irmã.de.mulher’ ou ‘irmão/irmã.de.homem’ e se é ‘irmão/irmã mais velho(-a)’ (com exceção do exemplo 2) ou ‘irmão/irmã mais novo(-a)’.

Vamos analisar alguns desses exemplos. Nos exemplos 1 e 4, os falantes são homens mais velhos que estão usando a palavra que significa ‘o irmão mais novo de mulher’, segundo o Quadro Comparativo Lexical de Silva (2010:950). E, no exemplo 2, o falante mais velho usa a forma *r-ekiʔir(-ə)* para se referir ao seu irmão mais velho e que se aproxima da palavra usada em Guajajára, *r-ikiʔir*, com o mesmo significado. No exemplo 3, o sufixo *-pe* marca o caso dativo no nome *r-iwir-pe* (‘para teu irmão’), entretanto a palavra *r-iwir* não aparece no Quadro Comparativo na coluna do Tembé atual (Silva 2010:950).

Em consulta ao dicionário de Boudin (1978:199), os lemas para designar ‘irmão’ e ‘irmã’, em Tembé, são, respectivamente, *kiwir ~ quibir ~ kivir*; e *têinir ~ teindir ~ teindi*. Essas palavras sofreram modificações na sua estrutura morfofonêmica em relação ao Tembé atual. Boudin não faz distinção entre irmão de homem ou de mulher e irmã de homem ou de mulher, mas faz a distinção entre ‘o mais novo’ e ‘o mais velho’.

Português	Tembé – 2009	Guajajára – 2009
irmão mais velho de mulher	<i>Ø-ikiʔir ~ h-ikiʔir ~ r-ikiʔir ~ n-ikiʔir ~ t-ikiʔir</i>	<i>Ø-ikiʔir ~ h-ikiʔir ~ r-ikiʔir ~ n-ikiʔir ~ t-ikiʔir</i>
irmão mais novo de mulher	<i>Ø-kiwir</i>	<i>Ø-kiwir ~ Ø-kiwir pياهو</i>
irmão mais velho de homem		<i>r-ikiʔir</i>
irmão mais novo de homem		<i>riwir</i>
irmã mais velha de mulher	<i>Ø-rikéra</i>	<i>Ø-riker hياهو</i>
irmã mais nova de mulher	<i>Ø-kipiʔira</i>	<i>Ø-kipiʔir pياهو</i>
irmã mais velha de homem	<i>renira</i>	<i>renir ipi</i>
irmã mais nova de homem	<i>renira</i>	<i>renir pياهو</i>

Fonte: Silva (2010:950)

Exemplos:

- a-monó pirá-Ø hé **Ø-kiwir(-ə)** Ø-pé
 1-enviar peixe-ARG 1 R¹-irmão-ARG R¹-DAT
 ‘eu entreguei o peixe ao meu irmão.’ (Carvalho 2001:43)
- ro-hó nazewé zó hé **r-ekiʔir(-ə)** no Nelson kwehé
 1EXCL-ir assim gente 1 R¹-irmão.mais.velho-ARG sozinho Nelson PERF
 ‘assim nós fomos todos, só meu irmão Nelson foi.’ (Carvalho 2001:91)

3. a-mono maper kwej ne **r-iwir-pe**
 1-enviar livro PERF 2 R¹-irmão-DAT
 ‘eu dei um livro para o teu irmão.’ (Silva 2010:144)
4. sé h-ekó-n he **Ø-kiwir(-ə)**
 aqui R¹-estar-IND.II 1 R¹-irmão-ARG
 ‘aqui está meu irmão.’ (Carvalho 2001:68)

Guajajára

5. he **Ø-kiwir** kakwez u-kaʔu n u-kaʔu-i kwaw kuri
 1 R¹-irmão AT-REM 3-embebedar NEG 3-embebedar-NEG NEG agora
 ‘meu irmão bebia, agora ele não bebe mais.’ (Silva 2010:507)

e) Avô - Avó

Em Tembé, segundo o Quadro de Silva (2010:950), há somente uma palavra para expressar ‘avô’, təmuj, materno ou paterno e, para ‘avó’, materna e paterna, temos a palavra hai. O mesmo acontece com a língua Guajajára. O sintagma ‘minha avó’, em Tembé, é ‘he r-zarij’, diferente de -hai ‘avó’, mas é a mesma raiz para a palavra ‘avó’ em Guajajára. Não há exemplos de frases, em Tembé, com a palavra təmuj nos trabalhos de Carvalho (2001) e de Silva (2010).

Exemplos:

1. kwehe mehe aʔe mehe he **Ø-zarij** aʔe so tata he
 ontem quando esse quando 1 R¹-avó esse só fogo 1
 zo uzemiʔu Ø-apo aʔe(-ə)
 3-cozinhar R¹-fazer esse-ARG
 ‘faz tempo...a minha avó só cozinhava na lenha.’ (Silva 2010:992)
2. ne **Ø-zarij** u-zami i-perew u-ini
 2 R¹-avó 3-espremer Ø-pereba 3-sentada
 ‘tua avó está espremendo (sentada) o tumor (da perna do menino).’
 (Silva 2010:144)

Em consulta ao dicionário Português-Tembé de Boudin (1978:41), os lemas para designar ‘avó’ e ‘avô’, em Tembé, são, respectivamente, zari ~ yarii ~ yariy; e tamuy ~ tamôi ~ tamôy. Essas palavras não sofreram modificações na sua estrutura morfofonêmica em relação ao Tembé atual.⁸

⁸ Boudin não usou o Alfabeto Fonético Internacional e por isso não grafou as palavras referentes às palavras ‘avô’ e ‘avó’, em Tembé, com os símbolos /i/, /ə/ e /j/.

f) Neto – Neta

De acordo com o Quadro Comparativo Lexical (Silva, 2010:951), em Tembé, os nomes empregados para designar neto(s) e neta(s) são: –imimino (neto, neta de homem), –emiriro (neto, neta de mulher). Na língua Guajajára, há palavras específicas para diferenciar o primeiro neto de homem (-emumino ipe), o neto caçula de homem (-emumino), a primeira neta de mulher (-emiariro ipi), o primeiro neto de mulher (-emiariro ipe), o neto caçula (he memer kerer) e a neta caçula (he memir kirer).

No exemplo 3, na fala de um idoso, a palavra para designar ‘neto’ (r-emininó(-ə) – R1-neto.de.homem-arg) apresenta uma raiz um pouco diferente do que foi registrado por Silva (2010:951): –imimino (alteamento da vogal). Essas mudanças podem ser sinal de vitalidade do Tembé para sobreviver ou influência da fonologia do Português na pronúncia das palavras em Tembé.

Em Boudin (1978), só há o registro de ‘neto’ (témi-arirô ~ tembi-arirô ~ temi-arirô) com raízes diferentes da forma –imimino e –emiriro do Tembé atual. Essas variações, assim como nos outros nomes de parentesco, podem ser naturais no processo de mudanças pelo qual passam as línguas na sua história ou resultantes da interferência de uma língua (no caso, o Português) sobre uma outra (uma Língua Indígena, no caso, o Tembé).

Exemplos

- n a-há-j pe ihe **r-emiriro** r-ipij-me rihi
 NEG 1-ir-NEG lá 1 R¹-neto R¹-casa-LOC ainda
 ‘eu ainda não fui na casa do meu neto hoje.’ (Silva:428)
- kwej kwaharer bol Ø-momor kwej ihe **r-emiriro(-ə)**
 PERF menino bola R¹-jogar PERF 1 R¹-neto-ARG
 ‘o rapaz que está jogando bola é meu neto.’ (Silva 2010:997)
- hé Ø-piʔá hé r-aʔir(-ə) wán n-ché hé
 1 R¹-filho 1 R¹-filho.de.homem-ARG COL R¹-REL 1
 r-azir(-ə) r-ehé hé **r-emininó(-ə)**
 R¹-filha.de.homem-ARG R¹-REL 1 R¹-neto-ARG
 ‘eu penso neles, em meu filho, em minha filha, em meu neto.’
 (Carvalho 2001:97)

g) Primo - Prima

Em Tembé, de acordo com o Quadro Comparativo Lexical de Silva (2010:950), há o registro da palavra ratiper para ‘prima de homem’ e nenhuma

palavra para ‘prima e primo de mulher’ e ‘primo de homem’. O Guajajára tem palavras específicas para se referir a ‘primo e prima de homem’ ou ‘primo e prima de mulher’ além de diferenciar se a prima é filha do tio ou da tia. Não há frases em Silva (2010) nem em Carvalho (2001) para ilustrar os nomes referentes a ‘primo’ e ‘prima’ e suas especificidades na língua Tembé. Vale lembrar que muitos primos, em Tembé, são chamados de ‘irmãos’. Então, para o tradutor, é bom verificar com seus parceiros nativos de pesquisa se se trata de irmão ou de primo quando eles pronunciam as palavras relacionadas a ‘irmão’ e a ‘irmã’ na língua materna.

Boudin (1978:283) registra *tatipêr* para ‘prima’ e *tuti-ra’ir* ~ *tutirai* ~ *tuti-ra’i* para ‘primo-irmão’. Não há mais dados especificando se o primo é filho da tia ou do tio como em Guajajára. Nesse período de tempo, na língua Tembé, pode ter desaparecido a palavra que se refere a ‘primo’ e modificou muito pouco a raiz para ‘prima’ (*tatipêr* > *ratiper*) ou, por algum motivo, não foram registrados no Quadro Comparativo Lexical os dados referentes a ‘primo’.

h) Tio – Tia

Em Tembé, *-tutir* (tio materno) e *-ruʔir* (tio paterno) significam ‘tio’ em Português e *zajhe*, ‘tia’ (materna e paterna). Em Guajajára, há alomorfes para ‘tio paterno’ e ‘tia materna’ e palavras com a mesma raiz do Tembé para expressar ‘tio materno’ e raízes bem próximas para ‘tia paterna’ (*zajhe*, em Tembé e *zaihe*, em Guajajára). Não há frases em Carvalho (2001) e em Silva (2010) para exemplificar o uso de ‘tio’ e ‘tia’ em Tembé.

Boudin (1978:335-336) registra ‘tio’ e ‘tia’ com algumas especificações para tia ‘esposa do tio, irmã da mãe, irmã do pai e outras especificações’ e para tio ‘irmão do pai e irmão da mãe’. Essas particularidades provavelmente não existem mais no Tembé atual segundo o Quadro Comparativo Lexical de Silva (2010: 952).

i) Sobrinho – Sobrinha

Em Tembé, atualmente, não há um nome referente à ‘sobrinho e sobrinha’, segundo o Quadro Comparativo Lexical (Silva 2010:951), mas, em Guajajára, há palavras com raízes diferentes para designar ‘sobrinho’ (homem falando e filho do irmão/irmã), ‘sobrinha’ (homem falando e filha do irmão/irmã) e ‘sobrinho/sobrinha’ (mulher falando e filho(-a) do irmão/irmã). Não há frases em Carvalho (2001) e em Silva (2010) para exemplificar o uso de ‘sobrinho’ e ‘sobrinha’ em Tembé.

Em Boudin (1978:320), encontramos os lemas ‘sobrinho’ e ‘sobrinha’ e os equivalentes em Tembé com especificações para ‘sobrinho’ como ‘filho da irmã’, ‘filho do irmão’, ‘filho do irmão maior’ e ‘filho do irmão mais novo’.

Na língua Tembé, pode ter desaparecido a palavra que se refere a ‘sobrinho(-a)’ e eles podem estar utilizando a palavra do Português ou, por algum motivo, não foram registrados no Quadro Comparativo Lexical (2010:951) os dados referentes a esse nome de parentesco. Possivelmente, estudos posteriores poderão dirimir essas dúvidas.

Algumas considerações finais

Na análise dos dados sobre os nomes de parentesco aqui apresentados observamos que, em Tembé, estão ocorrendo mudanças no léxico provenientes do contato linguístico, em princípio, mas que precisam de estudos e pesquisa futuros para se estabelecer quais as verdadeiras causas dessas mudanças como perda de material lexical, mudanças na estrutura morfofonêmica da língua Tembé e/ou empréstimos linguísticos do Português. Alguns nomes sofreram mudanças da época em que foram registrados no dicionário de Boudin (1978), tomando como referência os trabalhos de Carvalho (2001) e Silva (2010). E o tradutor pode encontrar dificuldades ao traduzir certos nomes de parentesco em decorrência dessas mudanças.

Ainda em relação à tradução, vale ressaltar que os trabalhos de descrição e de análise linguística de línguas indígenas geralmente não apresentam nas glossas (traduções para o Português) os sentidos específicos de nomes de parentesco como, por exemplo, se o filho ou a filha é de homem ou de mulher, se o primo ou a prima é mais novo(-a) ou mais velho(-a). Em algumas análises linguísticas, a marcação dessas especificidades presentes nas raízes de alguns nomes ocorre com a notação embaixo das transcrições, mas, às vezes, isso não acontece como podemos observar em alguns exemplos de ‘neto’ e ‘irmão’ descritos anteriormente. Deve-se pensar em como expressar esses significados lexicais nas traduções para a língua portuguesa em dicionários e glossários (na informação semântica dos lemas e/ou notas no verbete), em documentos oficiais ou em material didático para a escola indígena (com notas do tradutor em notas de rodapé ou notas explicativas) e nas narrativas orais ‘transcritas’ em textos escritos (no próprio texto). Essas são questões que devem ser consideradas pelo tradutor, tradutor/pesquisador e tradutor indígena no processo de tradução do léxico de qualquer língua indígena para o Português e vice-versa.

Os nomes de parentesco são palavras comuns às línguas e às culturas de outros povos no mundo inteiro. Não são termos culturalmente marcados nas sociedades indígenas, mas apresentam particularidades, principalmente em relação ao Português, por conta de não possuírem equivalentes absolutos em termos de palavras simples, em Português, para alguns desses nomes de parentesco, mas apenas um equivalente em forma de sintagma nominal (por exemplo, filho/filha de homem/de mulher, irmão/irmã mais novo/mais velho de homem/de mulher) e isso precisaria estar claro nas traduções.

É importante observar, na literatura linguística sobre o Tembé atual, a ausência de dados para alguns itens lexicais em Tembé como irmão mais velho e mais novo de homem, prima e primo de mulher e primo de homem, sobrinho/sobrinha e suas especificações, os quais precisariam ser investigados a posteriori, como já foi mencionado antes, para preencher importantes lacunas nos trabalhos lexicográficos sobre essa língua. Os trabalhos científicos aqui analisados não são especificamente de natureza lexicográfica, com exceção de Boudin (1978), nem específicos de nomes de parentesco. Entretanto, contribuem, a princípio, para o conhecimento de níveis de interferência do Português ou de prováveis casos de perda de material lexical na língua Tembé.

Referências

- Berman, Antoine. 2013. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tradução: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. 2 ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 200 p. Título original: La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain.
- Boudin, Max H. 1978. *Dicionário de Tupi Moderno* (dialeto Tembé-Tênêthar do alto rio Gurupi). v. 2. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.
- Cabral, Ana Suely Arruda Câmara. 2000. Algumas observações sobre a história social da Língua Geral Amazônica. In.: SIMÕES, Maria do Socorro. *Memória e Comunidade: entre o rio e a floresta*. Belém: Gráfica Universitária/ UFPA, p. 103-129.
- Carvalho, Marcia Goretti Pereira de. 2001. *Sinais de morte ou de vitalidade? Mudanças estruturais na Língua Tembé: Contribuição ao estudo dos efeitos de contato linguístico na Amazônia Oriental*, 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Belém, 2001. Disponível em <repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2472>. Acesso em 3 nov. 2016.
- Galvão, Eduardo. 1978. *Encontro de sociedades*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Gomes, Mércio Pereira. 2002. *O índio na história: O povo Tenetehara em busca da liberdade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Martín, Carmen Ávila. 2014. Las relaciones entre lengua y cultura em el ámbito lexicográfico. Universidade de Coruña: *Revista de Lexicografía*, n. 26:37-48.
- Niranjana, Tejaswini. 1992. Representing Texts and Cultures. In: *History, Post-Structuralism and the Colonial Context. Siting Translation*. Berkeley: University of California Press, p. 47-86.
- Rocha, Everardo P. Guimarães. 2006. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1985. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n. 27/28:33-53.

_____. 2000. Caso em Tupí-Guaraní, particularmente em Tupinambá. In: Congresso da ANPOLL 13, Niterói: ANPOLL.

Silva, Tabita Fernandes. 2010. *História da Língua Tenetehára: Contribuição aos Estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da Família linguística Tupí-Guaraní do Tronco Tupí*. 2010. 1252 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília. Disponível em <repositorio.unb.br/bitstream/10482/.../3/2010_TabitaFernandesdaSilva.pdf>. Acesso em 3 nov. 2016.

Recebido em Junho de 2017

Aceito em Agosto de 2017